

Resenhas



Beatriz Ana Loner¹

Trabalhadores em greve, polícia em guarda: greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca, de Marcelo Badaró Mattos et al²

Este livro representa uma bem vinda aproximação a uma nova maneira de contar a história do trabalho no Brasil, que busca integrar a história do trabalhador escravizado e daquele livre num mesmo contexto, em que pesem as diferenciações jurídicas e sociais que haviam entre ambos. Há algum tempo já se discute a necessidade de uma maior abertura nas fronteiras do que se entende por mundo do trabalho, incorporando à dimensão urbana e ao trabalho assalariado, o trabalho rural e também outras formas de coerção ao trabalho, que não meramente a econômica .

O livro é um bom exemplo desse tipo de preocupação, representando, além disso, um trabalho de equipe, pois no mesmo volume encontramos artigos assinados por historiadores em vários níveis de sua formação, todos integrantes da equipe liderada pelo prof. Marcelo Badaró Mattos. Percebe-se também, na leitura, uma conformidade de idéias e estilo, evidenciando o trabalho coletivo, presente não apenas na coleta de dados, mas na discussão interna e na exposição das idéias.

Entre os artigos, destaca-se aquele que abre a coletânea, de Marcelo Badaró: *Greves e Repressão Policial aos Sindicatos no*

¹ Professora associada do Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e coordenadora do Mestrado em Ciências Sociais, na mesma instituição. <bialoner@yahoo.com.br>

² MATTOS, Marcelo Badaró (Coord.); COSTA, Branno Hoherman; FREITAS, Francisco Josué Medeiros de; OLIVEIRA, Igor Soares Netto de; PEREIRA, Luciana Lombardo Costa; GOLDMACHER, Marcela; VALERIANO, Maya Damasceno; COSTA, Rafael Maul de Carvalho. *Trabalhadores em greve, polícia em guarda: greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto: FAPERJ, 2004. 199 p. ISBN 85-87723-51-0

Processo de Formação da Classe Trabalhadora Carioca: 1850-1910, o qual representa um exercício de discussão sobre o tema, pois pretende englobar, a partir dos trabalhos da própria equipe e de obras recentes de outros autores, o estado atual das pesquisas sobre o nebuloso espaço da fronteira entre trabalho escravo e livre no Rio de Janeiro. Mais do que historiar momentos desse processo, busca, numa clara inspiração thompsoniana, conjugar diferentes elementos que, a seu ver, interferiram nessa transição e na formação da classe trabalhadora, desde suas primeiras associações e as greves promovidas por elas, até as campanhas políticas e sociais mais amplas, como o abolicionismo, sem esquecer dos motins e revoltas populares, em que os trabalhadores atuaram mais como cidadãos, desrespeitados em seus direitos e costumes, do que como membros de uma classe.

A partir de pesquisas de outros autores sobre o Rio de Janeiro, ou organizando os dados dos levantamentos de fonte da equipe, Marcelo pergunta-se até que ponto os chamados levantes de trabalhadores escravizados urbanos não podem ser vistos como greves, visto que em alguns casos, nomeados por ele, elas visavam melhorias nas condições de trabalho ou o fim a perseguições de companheiros. Essa é uma discussão ainda a ser feita dentro da História do Trabalho e importante por suas implicações, pois uma das formas de avançarmos no debate sobre as singularidades que presidiram a formação da classe operária brasileira, é, ao lado do estudo das peculiaridades regionais e estaduais, debater aquela que trata das semelhanças e diferenças que guardam entre si os trabalhadores sujeitos a diversos e distintos tipos de coerção.

Quanto ao abolicionismo, corretamente aponta o importante, e até agora sempre secundarizado, papel das entidades de trabalhadores e artesãos e sua participação nos debates, campanhas e demais formas de luta do movimento pelo fim do escravismo. Ao recuperar exemplos, individuais e coletivos, de trabalhadores que também foram agentes do abolicionismo e seguir suas trajetórias posteriores, dentro do movimento organizado, permite apreciar melhor as interações e continuidades e diferenças entre os dois segmentos que darão origem à classe operária brasileira, aquele dos trabalhadores escravizados e dos livres, nacionais ou imigrantes.

Mas é particularmente na discussão sobre a presença dos trabalhadores nos motins populares que se reforça a especificidade

de uma proposta que visa a encontrar o trabalhador em todos os momentos e espaços de atividade, mesmo naqueles em que sua presença não era reconhecida ou vivenciada diretamente como resultado de sua inserção na produção ou em categorias profissionais. É aqui que a inspiração thompsoniana se faz mais presente e direta, a qual depois é desenvolvida em artigos específicos sobre a formação de uma identidade operária própria.

Ainda outro ponto que gostaria de destacar, presente nesse e em outros estudos do mesmo livro, é a importância dada às greves como momentos específicos de construção e evolução identitária dos agentes do trabalho, escravizados ou livres, e a questão paralela e quase complementar, da formação e desenvolvimento do aparato repressivo que servia de contraponto à mobilização operária e urbana na cidade do Rio de Janeiro. Os dois elementos formam como que balizas, delimitando a mobilização operária e, em alguns casos, interferindo fortemente nela.

Ao ler os artigos que compõem o livro, é inevitável a constatação de que, muito provavelmente, a pouca evolução das greves, como estratégia de luta ao longo dos anos e décadas do século XX, no Brasil, seja, em grande parte, devido à própria influência do trabalho desmobilizador e intimidador do aparato repressivo da polícia e dos patrões, que terminou inibindo a análise de suas conseqüências, como também o compartilhamento dessas experiências por sucessivas gerações de militantes. Assim, em relação às greves, elas continuam com o perigoso papel de último recurso válido de luta, mas, em retrospectiva, parece não haver avanço nem acúmulo em relação às estratégias de como construí-las, e não só para a realidade estudada do Rio de Janeiro, mas em perspectiva nacional.

Os demais textos apresentam subsídios empíricos para a discussão esboçada no texto de Marcelo, trazendo elementos constitutivos de uma identidade de trabalhadores, vista principalmente através de sua associatividade, desde o Império, de que são exemplos o texto de Raul Costa e o seguinte, de Igor de Oliveira e Maya Valeriano. Eles buscam discutir a complexa forma pela qual, daquele conjunto heterogêneo de trabalhadores, com experiências profundamente diversificadas e que enfrentavam não só a barreira da língua, mas também do próprio estranhamento de costumes, além de rivalidades variadas na luta cotidiana pela existência, surgiram elementos identitários, precededores de

uma certa consciência de classe, entre os trabalhadores cariocas ainda no século XIX. Discute-se ainda se as formas associativas desenvolvidas entre eles auxiliaram ou não nessa construção e também qual foi a real participação dessas entidades nas lutas iniciais pela formação da classe operária. Já Marcela Goldmacher detém-se sobre o movimento operário e sua dinâmica no Rio de Janeiro por volta do final do século XIX e início do XX, continuando a discussão acima, com ênfase no contexto republicano.

Outra dimensão importante desta obra, obviamente de muita implicação nas lutas operárias, é aquela que trata da formação e desenvolvimento do corpo policial, dos instrumentos repressivos e da política de intimidação sobre os trabalhadores, através tanto do trabalho de Badaró, quanto de Branno Costa e Francisco de Freitas, percorrendo assim todas as instâncias do extenso período 1850-1930. Esta dimensão também está presente no último texto, de Luciana Pereira, que trata mais especificamente dos comunistas e num espaço temporal um pouco posterior (1945-1964). A opção de buscar estudar as formas de organização e de luta dos trabalhadores, concomitantemente à formação do aparato repressivo que serviria para desorganizá-lo, permite apreciar uma das dimensões principais da forma como a luta de classes se expressou na sociedade brasileira durante mais de um século. Ao mesmo tempo, expõe mais concretamente um dos fatores de maior relevância nas análises sobre o movimento operário e, principalmente, sobre as correntes que nele se expressavam: a de que seus sinais de fraqueza e falta de implantação entre os trabalhadores, eram, em muitos casos, a contrapartida da evolução e consolidação do aparato policial e seus esforços bem sucedidos em enfrentar e controlar o movimento organizado dos trabalhadores.